

VINTE MIL PALAVRAS

CONTOS E CRÔNICAS

ROMANO DAZZI

CORREIOS

O serviço postal era rotineiro, mas não deixava de ser interessante.

Havia os vales postais, que circulavam entre as mãos, e a tarefa de imaginá-los, e a razão dessas pequenas transferências de dinheiro.

Podiam constituir um modesto presente, como um cartãozinho, ou uma doação a um orfanato, ou um empréstimo a parentes distantes, e uma promessa: a retribuição de um serviço...

LOJA DE CONSELHOS

— Mas, minha senhora, esta é uma loja de conselhos, não é um serviço de entrega de pessoas desaparecidas!

Eu tentava debilmente argumentar com ela, mas ela era gordinha, simpática e afilada, que entrando em atendimento imediato.

— Eu sei, eu sei! É por isso que preciso de uma sabedoria, para conseguir de volta meu dinheiro.

— Mas a senhora não me disse ainda onde ele gosta de fazer, quem são os seus amigos, e se está envolvido com outra...

MEGASENA

— Ganhei! Ganhei o prêmio da Megasena!

Os números batem todos: é o concurso 436 – 436 ok...

Os números sorteados são o 1, 6, 7, 29, 48 e o 57.

Meu Deus...

Deve ser...

— Vamos conferir...

— Vamos conferir...

BIBLIOTECA

Era um livrinho insignificante.

Magrinho, mirrado, de tamanho pequeno, parecia feito com aparas de papel, dessas que sobram nas gráficas. O papel era amarelado, grosseiro, a impressão sem graça.

O título até que era sugestivo: “Memórias de um amor”. Mas nem isso se encaixava na sua aparência.

Fora deixado no meio de um enorme pacote de livros, na porta de serviço.

10

EDIÇÃO DO AUTOR

ROMANO DAZZI

VINTE MIL PALAVRAS
Contos e Crônicas
Volume 10

Edição do Autor
São Paulo - 2020

Copyright © by Romano Dazzi

Todos os direitos reservados para essa edição. Proibida a tradução, versão ou reprodução por qualquer meio, mesmo que parcial, por quaisquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem permissão por escrito do autor.

1ª edição - janeiro de 2020

Para entrar em contato com o autor:

romano-dazzi@uol.com.br

Editoração: Escritório Editorial Frôntis

www.frontis.com.br

ISBN 978-859222675-6



CONTEÚDO

Os meus balões vermelhos	7
O pintor	14
Anfer, limpeza geral.	21
Carrinhos de rolimã	28
Carla.	35
Visões, talvez	42
A Confissão	48
Convite para a ceia	55
Alberto e a telepatia	61
Amor e casamento.	68
A ameaça final.	75
Bom dia, boa noite! - Monólogo	83

OS MEUS BALÕES VERMELHOS

Acontecia todos os anos, entre os meus cinco e dez anos de idade. Naqueles tempos eu morava na Itália, em uma cidade pequena, perto dos Alpes

Uma vez por ano a cidade se animava com uma semana inteira de festa.

Era chamada de “a sagra” e era uma alegre mistura de comemoração cristã (festejando São Pedro e São Paulo, protetores da Cidade), festival de comidas (provavam-se frutos exóticos e esquisitos, como bananas e nozes de coco, cortados em fatiazinhas, a preços absurdos) e bailes populares, na praça principal.

Vinha um circo, que apresentava um motociclista no globo da morte, dois leões, um elefante, dois ursos, três dançarinas de roupas sumárias (pelos padrões de hoje seriam roupas de colegiais) dois trapezistas e um palhaço.

Custei a descobrir que ele, o palhaço, era o próprio dono do circo.

Junto, vinha também um parque de diversões.

Uma instável montanha russa, na qual nunca me deixaram subir, pois era montada com sarrafos pregados; uma armação com barquinhos de balançar, que ameaçavam dar – mas nunca davam - uma volta inteira; uma plataforma de chapas de ferro, com carrinhos elétricos, desses de dar encontrões; mas só uns três ou quatro funcionavam, porque todos os outros, ano após ano, apareciam quebrados e ficavam encostados, só para dar efeito.

Havia ainda um carrossel, com cadeirinhas presas por correntes, que rodavam bem depressa, até que as pessoas alcançavam quase a horizontal, girando, gritando e rezando. E quando finalmente desciam, diziam a maior mentira, que tinham adorado e que “no ano seguinte” iriam dar outra volta...

Essa grande trupe não tinha caminhões, nem automóveis; só carroças antigas, puxadas a burros.

Ela ficava uma semana na cidade. Depois desmontava tudo, carregava as carroças e iniciava a lenta subida para as montanhas, além das quais outras pequenas cidades a aguardavam, para se maravilhar e aplaudi-la.

Mas na semana da sagra, era uma invasão; com eles vinha alegria, barulho, música, luzes brilhando, confusão.

E muita gente, que não pertencia ao circo nem ao parque, mas que os acompanhava de longe e se aproveitava do clima de euforia e de agitação.

Ciganos de espessos bigodes, com pesados relógios de bolso, de ouro maciço, presos aos coletes por correntes, também de ouro, passeavam lentamente pela praça, à caça de ingênuos “paisanos”, nos quais pudessem aplicar algum golpe maravilhoso.

Ciganas de grandes olhos pretos, longos cabelos encaracolados, rostos de traços marcantes, de lábios grossos e porte orgulhoso, cobertas até os pés – a única coisa que se via, além da cabeça – por xales coloridos e amplas saias, mas sempre descalças, e de pés sujos.

Elas agarravam qualquer um que passasse perto delas, e ofereciam, pediam, insistiam, forçavam, até que o infeliz “cliente” lhes mostrasse a mão, deixando-as ler, pelo modesto preço de uma lira, o passado, o presente e, maravilha das maravilhas, o futuro.

Concentradas nas suas “visões” pareciam perder a noção do tempo e espaço, e se torciam, se agitavam, se descabelavam,

falavam uma língua estranha, mistura de italiano, húngaro e esquisitos dialetos eslavos.

Para mim, era um milagre, um momento mágico, uma revelação. Sentia uma tremenda atração por esse mundo desconhecido e surpreendente que é o amanhã e pela remota possibilidade de vir a desvendar, na quarta-feira, o que poderia vir a acontecer na sexta.

Os dois ursos pretos dançavam na praça, de noite, antes de o espetáculo do circo começar, por muito menos que uma lira. Dávamos uma “palanca” – dez centavos – e assistíamos em êxtase à dança desajeitada e descompassada.

Mal sabíamos nós que os treinadores, para ensiná-los a dançar, os obrigavam a pisar em tampas de ferro bem quentes: assim, os pobres aprendiam tão bem que quando viam de longe alguma tampa, já começavam a pular, de medo.

Meu pai nunca me deixou ver as dançarinas.

“Três dançarinas três, seis pernas seis”, dizia um cartaz;

“A verdadeira dança do ventre” dizia outro.

Mesmo sem ter a menor ideia do que seria uma “dança do ventre” – para mim ventre queria dizer barriga e esta era uma parte do corpo humano que não tinha graça nenhuma – eu sabia, tinha certeza absoluta que este devia ser o top, o ponto alto de todos os espetáculos da semana.

E me ficou uma curiosidade insatisfeita, como se fosse um livro de figuras, que você namora na vitrine, sabendo que nunca vai conseguir tê-lo nas mãos.

O motociclista se machucava sempre. Todo ano chegava com alguma atadura – uma vez veio com uma perna engessada – e assim levantava a compaixão do público.

O “globo da morte” balançava todo, quando a moto – de duvidosa origem e qualidade – começava a roncar; o homenzinho rodava e rodava e rodava, enquanto o povo assistia embevecido, assustado; e finalmente acabava dando a maravilhosa vol-

ta mortal; escutava-se então um grande suspiro de alívio, um suspiro coletivo, longo, suado e quase asmático; tenho certeza que o motociclista também suspirava aliviado todas as vezes que conseguia concluir seu número, agradecendo a bondade e a paciência de Deus.

Mas os aplausos coroavam o alívio geral. Que herói!

Os dois leões mostravam-se a cada ano mais velhos e tristes; mais pelados, mais moles; pareciam ter perdido toda a dignidade.

Não eram como os leões de zoológico, bem alimentados, escovados, com uma juba abundante. Nem como os das imagens do National Geographic, soberbos, orgulhosos, poderosos.

Estes davam pena. Ficavam quietos, mansos, sem reagir, sem ligar para o chicote do domador.

Cheguei a desconfiar que houvesse uma certa parceria, um acordo, uma cumplicidade tácita entre eles e o domador, todos os três resignados diante das condições impostas pela vida.

O elefante também, estava velho e acabou não aparecendo mais nos dois últimos anos. Mas não fez muita falta.

Dos trapezistas nem me lembro. Não se esforçavam muito, porque a plateia era pobre e distraída.

Entre os tipos que apareciam, havia um homem estranho, que insistia em usar uma peruquinha pretíssima para esconder uma grande careca. Claro que assim acabava por chamar mais a atenção.

Ele tinha viajado muito, tinha sido garçom a bordo de não sei quantos navios, nas rotas do oriente.

Usava o nome de guerra de “baiadera” – uma bailarina profissional da Índia – e quando chegava na praça, apregoava a qualidade e a excelência dos produtos que levava para vender, acomodados numa grande mala branca – “a mala das índias”, dizia.

Falava – ou melhor, mastigava – um pouco de inglês; em suas andanças tinha adquirido muita prática e uma verdadeira paixão por frutas cristalizadas.

Quando abria a mala, os produtos apareciam arrumados, ordenados, apetitosos e limpíssimos.

Eram cerejas, morangos e grandes bagos de uva, lustrosos e brilhantes de açúcar caramelado; eram castanhas, amêndoas e avelãs, recobertas de pralinês, espetadas em palitos compridos; eram tâmaras tratadas com xaropes e mel; e junto, de graça, vinha uma raspadinha de gelo, com xarope de cassis ou de morango, de groselha, de anis ou hortelã, em cores tão vivas que pareciam artificiais – e talvez o fossem, pensando bem...

Ah, eu teria adorado experimentá-las.

Mas meus pais não me deixavam nem chegar perto.

– *É uma coisa horrível - murmuravam um ao outro - deveria ser proibida; quem sabe em que cozinha suja, em que panelas e com que talheres emporcalhados foram preparadas. Quem sabe por onde andou aquele gelo da raspadinha, depois que saiu do frigorífico (ninguém tinha geladeira, naquele tempo). Não sente o cheiro de amoníaco? Isso só pode fazer mal. Nada de comer isso. Não, não e não!*

E assim, ano após ano, eu pedia, implorava, mas acabava ficando só na vontade; aliás, pensando bem, eu adorava tudo o que me era proibido.

Agora finalmente, depois de tanto tempo, aprendi o jogo do contente: se meus pais me deixassem prová-las, as coisas não teriam mais nenhuma graça. Em vez de me desiludir, fiquei na vontade...

Mas o gostinho do proibido continuou me fazendo cócegas pela vida afora.

São coisas de que ainda lembro muito bem, que me marcaram, me tocaram e me deixaram marcas mais profundas do que se poderia imaginar.

Todo esse povo, os ciganos, a gente do circo, a do parquinho, o baiadera, desapareceram quando a guerra começou.

Foram varridos pelos exércitos que se engalinhavam, foram tragados por um futuro negro, que chegou de repente, antes que qualquer um de nós pudesse adivinhá-lo, enxergá-lo.

Não havia mais espaço para eles, não havia mais lugar para aquela alegria pobre, simples, contida, feita de faz-de-conta, de cem luzinhas fraquinhas que aos meus olhos resplandeciam como faróis, da voz poderosa do dono do circo, aumentada por um megafone de papelão.

– *Venham, senhores, venham! Entre, respeitável público; aqui estamos para mostrar as maravilhas que trouxemos do fundo da África e da Índia, diretamente para a sua maravilhosa Cidade. Quanto mais gente entra, mais animais se veem!*

A frase toda era um acinte, uma afronta ao público; mas ninguém se dava conta da ironia.

Tive certeza de que tudo acabaria depressa e tragicamente, o dia em que, na última vez que apareceram, o dono do circo me deu de presente dois balões vermelhos, cheios de gás.

Com medo que pudessem voar, os agarrei e os apertei com tanta força, que um deles de repente estourou; aquela linda bola vermelha, leve e brilhante se transformou em um farrapo feio, rasgado, inútil e disforme.

Fiquei parado, sem fôlego, sem reação, sem conseguir chorar. Foi naquele momento, quando tentei diminuir um pouco a força com que segurava o segundo que o pior aconteceu; ele de repente escapou da minha mão, balançou um pouco, como se estivesse me olhando e se despedindo; e saiu voando para o céu. Aí, sim, eu desabei em um choro; chorei como nunca, em desespero, enquanto ele sumia rapidamente da vista.

Até hoje não sei se este acontecimento bobo foi algo simbólico; uma premonição, talvez; mas naquele momento, sem saber nem entender nada, eu percebi, de maneira confusa, que

junto com meus dois balões vermelhos estavam fugindo de minhas mãos e morrendo definitivamente os sonhos de toda uma época, um modo de ser, de sentir, de viver.

A guerra, que chegava às nossas portas, furaria sem piedade todos os balões de ilusão de crianças e de adultos, desfazendo os sonhos e mudando para sempre o sabor de todas as coisas.

Adeus baiadera, adeus circo, adeus parquinho; obrigado pelo que me deixaram.

Adeus ciganas: que bom, que não conseguiram ver nem uma fresta do futuro. Onde quer que estejam agora, deixem assim, não tentem adivinhar nada.

Deixem que os dias venham chegando, lentamente, para que possamos abri-los um a um, como se fossem os envelopes de mil cartas aguardadas ansiosamente, mas cujo conteúdo desconhecemos; assim saberemos o que vai acontecer, só no momento certo e não antes; e isso nos dará força para enfrentarmos mais serenamente as inevitáveis surpresas amargas que o nosso destino nos preparou.